

Quando ela foi ao Museu do Ipiranga

Ela, de blusa xadrez, decidiu naquele 7 de Setembro passear pelos arredores do Museu do Ipiranga. O museu está lá, naquele mesmo Parque da Independência, há mais de um século, mas ela só se lembrou do patrimônio paulista no dia do feriado.

Na época, o museu ainda abria suas portas para a visita. Ela, contente por finalmente conhecer a obra arquitetônica grandiosa do Ipiranga por dentro, sentiu-se extasiada. Porém, ao avistar a enorme fila, a animação dera espaço à frustração. Pelo visto, não era só ela quem teve a brilhante ideia de visitar o museu na data memorável.

Pegou o celular, cuja hora marcava 15h13min., achou que seria apropriado passear pelo parque e depois subir as escadarias do monumento. Mais tarde, voltaria para conhecer o interior do museu.

O dia estava insuportavelmente quente. Havia ambulantes espalhados por toda parte. Percebendo a presença de um, não pensou duas vezes em comprar uma gelada garrafa d'água, e, aproveitando o dia de folga, por que não tomar um sorvete? Afinal, o calor não estava fácil: era de fritar os miolos.

Caminhando e suando, chegou ao Monumento da Independência. Claro que tinham muitas pessoas. Algumas tiravam fotos, outras brincavam com as crianças, enquanto outras, sentadas, derretiam no sol.

Ela preferiu apenas aproveitar a vista. O sossego não era o dos melhores, mas as coisas ficaram mais agitadas com a chegada de um candidato a prefeito de São Paulo fazendo seu *marketing* pessoal.

Foi uma confusão dos diabos! Pessoas queriam tirar fotos do candidato; outras, insatisfeitas, gritavam palavras chulas ao homem. Ela não tinha agrado pelo sujeito, mas qualquer forma de desrespeito era injustificável.

O acontecimento foi propício para que ela voltasse ao museu e se encarregasse de ficar um tempinho na fila. Antes, comprou outro sorvete. Passeou um pouco mais, deparando-se com *skatistas* e patinadores; crianças estourando bolhas de sabão; adultos namorando; músicos harmonizando o ambiente com suas melodias; rapazes bonitinhos que ela se deu a liberdade de fantasiar casos amorosos; meninos e meninas jogando futebol; mães e pais, enlouquecidos, correndo atrás de seus bebês, cujas perninhas rechonchudas recém-andantes caminhavam desvairadas.

Era bom estar ali! Por que ela não havia ido antes? Precisava voltar, e, de preferência, sem ser no dia 7 de setembro do ano seguinte. Existiam outras datas que poderiam muito bem ser destinadas ao passeio.

Quando retornou à entrada do museu, surpreendeu-se com a fila diminuta. Feliz por estar prestes a entrar, ficou contemplando as esculturas, os quadros e os objetos em pensamento. Já conseguia se imaginar subindo as escadarias e sendo recepcionada pela estátua de D. Pedro. Não era um homem que ela simpatizava, mas valia a pena entrar naquela edificação amarelinha, mesmo que para isto precisasse ver a figura do monarca taradinho.

Faltava tão pouco! Quatro pessoas à sua frente, então, logo, logo seria a sua vez de entrar. Porém, algo apenas possível aos de pouca sorte poderia acontecer: o jovem que controlava a fila noticiou ao restante das pessoas que o museu estava prestes a fechar, portanto, não receberiam mais visitas naquele dia.

Desolada, deu meia volta. Depositou o último olhar ao museu, prometendo voltar em breve. Saiu do parque para pegar qualquer ônibus que fosse à estação do metrô Alto do Ipiranga. A visita ao museu não foi possível naquele ano, e, no ano seguinte, o museu fechou as portas para restauração. A reabertura do Museu do Ipiranga está prevista para 2022, quando ela completa 30 anos de idade e 10 anos de visitação mal sucedida.